

Jovem com incapacidade motora impedido de fazer fisioterapia há quase um ano

■ Hospital do Divino Espírito Santo diz que utente de 22 anos "não reúne condições para manter o tratamento, motivo pelo qual foi suspenso o programa de reabilitação". Pai pede ajuda para o filho ■ Pág. 11

Campeões do mundo em prova de levantamento de pesos na Lagoa ■ Pág. 7



O que falta na Lagoa? Os leitores respondem

■ Pág. 2

A nova onda de artistas com palco no mundo digital

■ Pág. 6

A guerra do Ultramar revisitada por antigos combatentes lagoenses

■ Pág. 8

PUB.

VISITE O NOSSO SITE E LEIA NOTÍCIAS QUE CONTAM

WWW.DIARIODALAGOA.PT



O que falta na cidade da Lagoa?

Filipe Rebelo
31 anos, Rosário



É preciso um pouco de mais de movimento, necessitamos de mais atividades, sobretudo noturnas, para atrair mais gente. A nível de restauração, acho que já temos muitos restaurantes. Também precisamos mais de habitação, infelizmente há muitos jovens à procura de casa e acho que é isso que falta colmatar.

Eu tenho muitos amigos meus que saíram da Lagoa, muitos mesmo. Porque infelizmente não encontram casa cá e saem da Lagoa.

É preciso incentivos, fomentar os jovens empresários a investir no ramo. Há muita gente que tem condições para investir mas não quer porque tem um certo receio. Uma boa medida seria ajudar essas pessoas a investir e apoiar os jovens a terem a sua própria casa. Estamos a pagar taxas de juro muito altas e é difícil para um jovem casal com o salário mínimo comprar uma casa, é muito difícil.

Gerson Vasconcelos
22 anos, Rosário



Para mim, acho que faltam passatempos, faltam mais festas e, também, locais onde os jovens possam passar mais um pouco do seu tempo. Por exemplo, ao fim de semana nós temos que fugir para Ponta Delgada para nos divertirmos. E faltam locais para fazer exercício também. Fizeram o Passeio Marítimo mas acho que falta ali um sítio com barras como tem no Expolab. No passeio marítimo podemos correr e andar de bicicleta, mas falta algo para podermos fazer um pouco de força.

Mariana Ventura
20 anos, Santa Cruz



Acho que faltam sítios para incentivar as pessoas a conviver e a se juntar mais. Falta alguma atenção para os jovens. Querendo ou não, é a nova geração. Todos os dias fujo da Lagoa, pois a segurança poderia melhorar nos sítios mais importantes como nas escolas. Há zonas em que as pessoas não têm consideração pelos mais pequenos. Por exemplo, à beira das piscinas há crianças que gostam de brincar e de ir para lá. Mas evitam ir para não verem outras coisas que nós já vimos e sabemos. Infelizmente, sabemos a nossa realidade, a toxicodependência. É preciso afastar isso tudo. A Lagoa é uma cidade bonita, mas este é um problema que incomoda muita gente, os mais novos e os mais velhos.

Interfere, querendo ou não, no crescimento. Estarmos a ver aquilo, a viver vendo aquilo e é como se fosse normal. É um caminho mais fácil.

Sabemos onde são os pontos de encontro dessas pessoas, nós mais novos sabemos. Se calhar podia-se fazer mais pela Lagoa.

João São Bento
51 anos, Rosário



Estou satisfeito com a Lagoa, é uma cidade bonita. Nós temos hospital, temos tudo e não podemos fazer mais nada. Nós temos tudo o que cada um precisa.

Considero que a câmara municipal tem feito um bom trabalho. A presidente da Lagoa já fez tudo, do bom e do melhor, não tenho nada a apontar em relação à nossa cidade. A Lagoa é agora uma cidade e, por exemplo, tem farmácia, tem tudo aquilo que se precisa. E temos tudo aqui à volta e sem precisar de andar muito.

Ao lado da minha casa fizeram um jardim bonito e nós precisávamos para os velhinhos se sentarem, para jogarem às cartas. E agora eles estão lá sentados. Os meus pais, os senhores de mais idade vão para lá jogar cartas. Antes não tínhamos aquilo. Agora a autarquia endireitou tudo, ficou mais bonito.

Maria da Ponte
71 anos, emigrante no Canadá



Vemos as pessoas a caminhar com os seus cães, não é? O que eu não acho certo é os cães fazerem o seu "mal" no caminho, sujam e os donos não levantam, deixam ali e tem muita pessoa que ao andar pode pisar sem perceber. Estamos aqui já há dois meses e meio de visita e faltam ainda mais dois meses e meio para voltar ao Canadá.

Já estivemos em São Roque, notamos a mesma coisa lá e ainda é pior. Em São Vicente não era muito ruim, mas vê-se o mesmo acontecer também. Eu não acho certo. De repente estamos a conversar distraídos e metemos o pé em cima. No Canadá levamos multa se não levantarmos. É preciso que as pessoas andem com saquinhos. É preciso também colocar mais caixotes nos percursos.

Luís da Ponte
73 anos, emigrante no Canadá



Eu gosto muito da Lagoa, a ilha toda de São Miguel é linda, nós nascemos aqui mas penso que as pessoas têm de ser mais educadas. Levas o teu cão, és responsável por ele. Pega, limpa. A Lagoa tem caixotes, nós vemos caixotes por todo o lado. Às vezes abro o caixote e está vazio, mas tem no chão. Nós adoramos estar aqui. Eu vejo esta ilha bem adiantada e eu gosto de ver o que a nova geração está a fazer. Mas nota-se que há muitos sem-abrigo na rua e são novos. Nós vimos para aqui no inverno do Canadá, lá é muito frio, aqui é muito melhor nesse sentido. Aqui é bom o tempo, a comida, o vinho de cheiro, tinto. A restauração da Lagoa é muito boa e o concelho tem muitos restaurantes e bons.

“BocAberta” abre portas na Lagoa com aposta no que vem do mar

Novo restaurante localizado no Porto dos Carneiros, freguesia de Nossa Senhora do Rosário, é a mais recente aposta do empresário Abel Cabral. O dono da nova cervejaria-marisqueira acredita que o espaço vai chegar a bom porto

■ Por Catarina Teixeira

Por entre bares e hotéis Abel Cabral, nascido em 1961, natural da vila de Água de Pau, foi construindo a sua vocação. O seu percurso levou-o a ter nos dias de hoje, dois restaurantes com fama em toda a ilha e fora dela: o Bar Caloura e a Casa do Abel. Em conversa com o Diário da Lagoa (DL), conta que, após a morte do seu pai, decide abandonar o curso de mecânica que frequentava na Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada tendo ido trabalhar para o Hotel Avenida pela primeira vez, em 1979. Iniciou como “mandarete”, uma espécie de “moço de recados” e só depois seguiu a sua carreira de formação em Barman. Após algum tempo de experiência, decide investir no restaurante Bar do Monte, no Pico da Pedra. Abel Cabral conta-nos que o estabelecimento deixou de ser só restauração e “misturou-se sala de restaurante com sala de banquetes, festas, batizados, casamentos” levando-o a perder o restaurante, diz. Abel refere que não havia o suficiente para sobreviver porque “os casamentos só se fazem no mês de verão”. Depois disto, durante dois a três anos, decide regressar ao Hotel Avenida. Foi também convidado a abrir o Hotel Bahia Palace, em Água D’Alto e o Hotel Monte Palace nas Sete Cidades, como chefe de bar. Como o bom filho à casa torna, Abel resolve voltar à sua terra natal com a oportunidade de abrir o antigo Café Benfica. “Tentei melhorar e fazer um café diferente do que normalmente havia, mas não funcionou muito bem”, conta.

Entre 2000 a 2014, o bar do Complexo Municipal das Piscinas da Lagoa também passou pelas mãos deste homem de negócios. E em 2001 surgiu-lhe a oportunidade de gerir o Bar Caloura. Abel conta que “a Caloura trabalhava como um bar sazonal

no verão” e pediu ao presidente da câmara da altura para abrir o ano inteiro e assim foi. Depois de algum tempo aberto, Abel afirma que uma empresa de whale watching convidou-o para fazer almoços. Apesar de relutante pela perda do estabelecimento no Pico da Pedra, aceitou o desafio. Os turistas paravam lá e comiam comida regional, especificamente, os chicharros. Até hoje, o bar Caloura emprega entre 17 a 20 empregados e “é um espaço esplanada com movimento agradável e com muito turismo”, realça.

O café Benfica já não estava a ser aquilo que Abel projetava. “Durante dois anos deixei de vender bebidas alcoólicas para limpar a área da praça e faço a Casa do Abel”, ficando com o bar Caloura e o restaurante Casa do Abel, ambos com “feedbacks muito bons e agradáveis. Não há reclamações e se há são muito simples e fáceis de remediar”, garante.

O RESTAURANTE “BOCABERTA”

Depois de muitos anos na restauração, o nível de experiência só tende a aumentar. Abel, sabendo que os clientes querem estar de frente para o mar, abraçou este projeto, concorrendo ao concurso, lançado pela câmara da Lagoa, para a exploração deste espaço. Renovando-o por completo, a cervejaria-marisqueira também vai ter uma sala de pequeno-almoço. O



■ Abel Cabral explora três espaços na área da restauração: Bar Caloura, Casa do Abel e o BocAberta

novo estabelecimento, vai funcionar das 7h30 até às 22 horas, sendo o pequeno-almoço até às 12 horas. Lá, pode-se encontrar pratos de carne, peixe e muito marisco. Na perspetiva do empresário, a restauração “fica dignificada”, realçando que “é um processo que vai andar sobre si e vai se realizar”.

Com o turismo cada vez mais acentuado e devido ao fácil acesso até ao local, Abel refere que o BocAberta não é só um local para a Lagoa, destacando que “estamos no centro da ilha da restauração e que os habitantes da Ribeira Grande ou de Ponta Delgada vêm facilmente para aqui”.

Inicialmente, foi feito um “slow opening” do espaço. Segundo o entrevistado, “se se abre um espaço desse tamanho e mete-se toda a máquina a funcionar, com a falta de experiência da cozinha e do staff de sala, cria-se um caos de trabalho”. O “slow opening” permite ir “trabalhando a cozinha” e “rodando o pessoal” fazendo esse tipo de trabalho em melhores condições, realça. Apesar de ter optado por não abrir o restaurante de uma vez

só, Abel já teve bastantes clientes. Confessa-nos que toda a sua expectativa é compensada quando se abre o espaço e as pessoas vêm para conhecê-lo. O nome da cervejaria à beira mar remonta às embarcações antigas, uma vez que “as nossas embarcações de pesca tradicionais eram feitas em barcos de boca aberta”, declara Abel Cabral, acrescentando que o espaço é situado numa “área espetacular” e com uma “envolvência fora do comum”.

APOSTA NO CHEF CLÁUDIO PONTES, ESTRELA MICHELIN

O Diário da Lagoa teve ainda a oportunidade de conhecer o chef da casa. Natural da Ribeira Grande, Cláudio Pontes, de 42 anos, por ser muito amigo de Abel Cabral, aceitou o convite e o desafio para ajudá-lo a abrir este restaurante. É cozinheiro há 23 anos. Já passou por vários hotéis de cinco estrelas de todo o país e foi premiado com uma estrela Michelin em 2012 no antigo Tavares Rico. Há sete anos decidiu regressar a São Miguel, sendo chefe executivo do Azor Hotel e do Furnas Boutique Ho-

tel.

Para Cláudio Pontes “é impecável trabalhar com o senhor Abel” sendo este a pessoa mais fácil com quem já trabalhou até hoje, garante. E acrescenta: “temos uma coisa boa: sonhamos os dois. Acho que conseguimos nos contemplar mutuamente. Eu sei o que é que os clientes gostam, ele sabe o que é que os clientes gostam”.

O segredo para o sucesso, segundo Abel, passa por se acreditar naquilo que se está a fazer. Para o pauense, “tens de sair de casa com alguma motivação, senão, não levas barco nenhum para o mar”.

Abel, faz uma analogia à restauração com um casamento porque “passas mais tempo aqui do que em casa, estás sempre ligado ao serviço, levantas-te trabalhando, deitas-te pensando no trabalho de amanhã”. Destaca ainda a importância da sua esposa na sua profissão porque “ao fim ao cabo, ela é que é a heroína disto tudo porque ela é que aguenta com isso tudo”, assegura este empresário lagoense que não tem medo de ir mais longe e arriscar. ■



■ Estabelecimento vai funcionar das 7h30 até às 22 horas, sendo o pequeno-almoço até às 12 horas



■ Cláudio Pontes é cozinheiro há 23 anos e já foi premiado com uma estrela Michelin

BIOCALCE MuroSeco

BIOCALCE® MUROSECO
REABILITAÇÃO DE PAREDES
HÚMIDAS E SALINAS




Biocalce® MuroSeco:
simplicidade e segurança para
a **solução definitiva** da
humidade capilar
em paredes.

KERAKOLL
The GreenBuilding Company

Costa Pereira e Filhos, Lda.
materiais de construção

Tel: 296 960 200 - www.costapereira.pt



AutoCentral

ESTRADA DOS PORTÕES VERMELHOS 20
9560-450 ROSÁRIO - LAGOA

NOVAS INSTALAÇÕES

Mecânica - Mudanças de Óleo - Revisões Gerais Eletrecidade
Baterias - Carroçaria - Chapa - Pintura Alinhamento
Substituição Vidros e Pára-Brisas

ORÇAMENTOS GRÁTIS

REBOQUE 24H




Telf: 296 960 170 / 96 250 40 65 - autoccentral@hotmail.com



RESTAURANTE DA ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA

Faça já a sua RESERVA



RESERVAS POR TELEFONE

[f](https://www.facebook.com/RESTAURANTEAASM) [i](https://www.instagram.com/RESTAURANTEAASM) /RESTAURANTEAASM
WWW.RESTAURANTEAASM.COM

296 490 001 / 925 248 307 / 926 385 995

ABERTO TODOS OS DIAS
12:00 ÀS 22:00



orçamento
participativo

LAGOA



Revele a sua ideia!

ATÉ 31 DE MAIO 2023

Na Lagoa, todos contam!



PARTICIPE EM
WWW.OP.LAGOA-ACORES.PT



- @ op@lagoa-acores.pt
- 967 883 281
- 296 960 600
- oplagoa



“A música é um caminho incerto mas ao mesmo tempo cem por cento certo”

Gonçalo Sousa é exemplo de um dos novos talentos açorianos que estão a surgir no panorama musical regional com alcance global na internet

■ Por Clife Botelho

Conhecido online por “THE BRAIN”, Gonçalo Sousa, 18 anos à data desta entrevista, 19 anos feitos a 16 de março passado, é um dos novos talentos açorianos que estão a surgir na música açoriana através da internet atingindo uma audiência sem fronteiras. Nasceu em São José mas é na freguesia dos Arrifes, em Ponta Delgada, que vive, enquanto estuda na Lagoa. Foi com apenas 16 anos que lançou sua primeira canção. Pela manhã, numa das esplanadas mais movimentadas da Lagoa, conta ao Diário da Lagoa (DL), que esse foi o ponto de partida para o seu percurso na divulgação da sua visão artística do mundo, através da música. “A falta de respeito entre a minha geração é algo tremendo e com a qual não me identifico”, para o jovem músico a sua geração “é demasiado influenciável pelas grandes marcas e demonstrações artísticas, com um falso espírito crítico em relação a estas mesmas”. É através da arte musical que transmite a sua mensagem também a esse respeito, daí o nome do seu mais recente álbum “Respect Your Creator” que em tradução à letra significa “Respeita O Teu Criador”.

Quanto à sua ligação com a cidade da Lagoa, o artista mi-caelense diz que surgiu com naturalidade. Sousa, como é conhecido entre colegas de escola, fez todo o seu percurso escolar até ao décimo ano em Ponta Delgada até depois decidir dar continuidade aos



■ Gonçalo cresceu ouvindo rock, estuda na Secundária de Lagoa e lançou o seu primeiro álbum em dezembro de 2022

estudos na Escola Secundária de Lagoa. A decisão, essa, diz que surge para ficar “longe da confusão de Ponta Delgada” e para “estar mais tranquilo”, pois considera a maior cidade do arquipélago açoriano “um pouco movimentada”.

CRESCEU OUVINDO O ROCK QUE O PAI APRECIAVA

O gosto pela música nasceu desde tenra idade e porque cresceu num ambiente familiar com o “pai a ouvir música em casa” e onde a mãe “também adora música”. Quanto ao género musical, conta, sem hesitar, que foi “inspirado pelo rock”. O pai toda a vida ouviu rock, garante, desde o tempo “em que se usavam os cartuchos”, expressão que usa para se referir às cassetes.

É dessa forma que recorda que um dia se deparou com o facto da sua geração ouvir “mais hip-hop americano” e que um colega, Luís Miguel, que o desafiou a tentar cantar o género.

“Ele arranhou um programa de edição de som e começou a fazer os instrumentais. Eu também dei uns toques nos instrumentais, mas “nunca fui grande espiga”. Era “mais espiga a fazer letras”, e foi nesse momento que o amigo disse “vamos gravar”, revela Gonçalo.

A primeira gravação de “THE BRAIN” foi cantada em português porque sentiu que o seu “inglês não encaixava bem”. Lançou assim o seu primeiro EP, um pequeno álbum de cinco faixas, em 2021, estilo rap, com aquele que considera hoje o seu produtor, Tiago Almeida.

“Ele fazia instrumentais rap um pouco mais calmos do que o hip-hop americano a que estamos habituados a ouvir, com muita batida. Nós começamos a crescer juntos e surgiu a oportunidade de gravar com ele”.

O EP foi lançado aos 17 anos nas plataformas digitais como o Spotify, Youtube, Tidal, Deezer, entre outras, o que lhe permitiu chegar ao ribeiragrandense André Saudade e ao lagoense Guilherme Pacheco, da produtora Fusion [cuja história foi publicada pelo DL em novembro de 2022]. “Tive um grande suporte do pessoal”, remata referindo-se aos elementos da produtora que tem lançado jovens talentos no panorama regional.

“O André Saudade resolveu chamar-me para uma música e aí começou uma ligação para o resto da vida”, explica Gonçalo avançando, ainda, que posteriormente também estabeleceu uma ligação com Outsider, alter ego de Rúben Almeida, músico e artista da vila de Água de Pau

que também integra a Fusion.

“Sou apoiado por eles e acompanho muito o trabalho deles”, afirma o jovem músico. “Eu faço o meu trabalho todo sozinho com a minha própria equipa. O Tiago Almeida é quem trata da parte da produção musical e das animações 3D. A Isabel Sousa é a minha ilustradora, fez as capas todas dos singles do meu álbum. Tenho também a trabalhar comigo o António Medeiros que criou o meu website. E tenho mais pessoas a trabalhar comigo. O Lucas, por exemplo, é o meu DJ”, descreve.

Ao DL, Martim Pimentas, artista integrante da “973 TEAM”, uma equipa de trabalho na área da música, diz que “trabalhar com o THE BRAIN é realmente fantástico, nota-se mesmo que tem visão e que é diferenciado já com aquela idade, é talentoso. Estou atualmente a fazer uma música com ele e, realmente, sinto que tem muito potencial e que vai conseguir fazer algo de especial nestes próximos tempos”.

Já António Medeiros, webdeveloper da mesma equipa, refere que “é uma sensação positiva visto que ele é português, além disso um açoriano que tem vontade de fazer, tem garra para demonstrar o seu esforço, ao contrário dos que vemos nos dias de hoje que querem tudo

de mão beijada. O THE BRAIN é completamente diferente, ele faz um esforço e consegue atingir o que quer”.

Foi dessa forma, com ajuda da sua “TEAM” que em 2 de dezembro do ano passado, lançou o seu primeiro álbum, intitulado de “Respect Your Creator” com 13 faixas e que “não estava à espera que o feedback fosse tanto”.

CONSIDERA-SE UM HOMEM DE FÉ E ISSO REFLETE-SE NA MÚSICA

Gonçalo diz que “o conteúdo do álbum foi muito inspirado, por incrível que pareça, num artista português. Foi inspirado no rapper ProfJam e na inspiração dele relacionada com o cristianismo”.

O jovem, que já foi de Romeiro, diz-se um homem de fé e que dentro do seu círculo de amigos deve ser o único que fala abertamente sobre o tema. Explica que há pessoas que não conheciam o seu trabalho e que ao lançar um anúncio no Instagram, “pessoas da Holanda, do Reino Unido, da América, da França começaram a seguir-me”.

Quanto a projetos para o futuro, diz que tem “um projeto enorme”, em que vai atuar no dia 15 de abril no Pavilhão da Associação Agrícola, na Ribeira Grande. Atualmente afirma que está “na fase de saborear o que este álbum me trouxe em termos artísticos e pessoais” e que não está com pressa em relação a novos lançamentos porque entende que “as coisas surgem naturalmente”.

Àqueles que querem prosseguir o caminho artístico, “THE BRAIN” alerta que “a música é um caminho incerto, mas ao mesmo tempo cem por cento certo. Porque se nós gostamos vamos atrás e lutamos por aquilo que queremos. A música é a magia do mundo, sem ela não há relações interpessoais” e finaliza, assim, que “a música é a verdadeira ligação das pessoas”. ■

Prova de levantamento de pesos na Lagoa com dezenas de espetadores

Evento contou com as presenças dos açorianos Valter Tapia, Carlos Corrêa e Tiago Costa, atuais campeões do mundo na categoria -140kg, -100kg e em -75kg, respetivamente.

■ Por Clife Botelho

Tem o nome de Powerlifting o que, em tradução livre, significa levantamento de pesos. A prova regressou ao ginásio Gym4you na freguesia de Nossa Senhora do Rosário, cidade da Lagoa, no passado dia 19 de março. O evento sofreu uma paragem devido à pandemia covid-19.

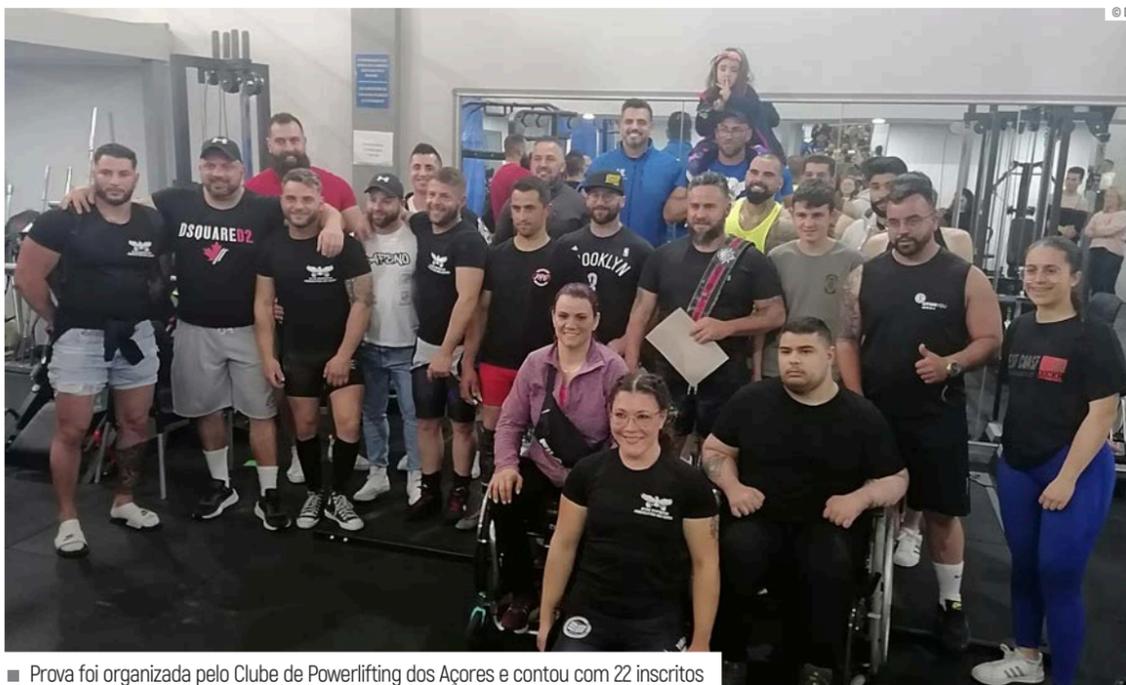
A prova, aberta ao público em geral e a todos os interessados, adeptos da modalidade, atingiu pela primeira vez os 22 inscritos e viu os amantes da modalidade encherem o ginásio.

O Clube de Powerlifting dos Açores, organizador da prova, fundado na Lagoa, ainda antes da pandemia, realiza assim a terceira prova no arquipélago açoriano. Em declarações ao Diário da Lagoa (DL), o proprietário do ginásio e responsável pelo clube, Pedro Barros, explicou-nos que a competição é dividida por género, feminino e masculino, sendo que depois dentro de cada género, existem as categorias por peso e idade.

“NUNCA VI TAMANHA CAMARADAGEM”

O atleta e co-fundador do clube açoriano, Valter Tapia, 40 anos, salienta a participação de “pessoal novo com curiosidade, a maior parte a treinar cá, no ginásio, vão-nos vendo, ganharam aquele bichinho para experimentar e gostaram”. Diz que treina todos os dias, exceto ao fim de semana, e “até não poder mais” vai continuar na modalidade.

Um dos estreantes na prova foi Miguel Bettencourt, 42 anos, que quando se preparava para abandonar o ginásio fez questão de sublinhar: “nunca vi ta-



■ Prova foi organizada pelo Clube de Powerlifting dos Açores e contou com 22 inscritos

manha camaradagem. Sempre levantei pesos no ginásio. Desde há três anos atrás é que me meti nisto. E é a primeira vez que participo na prova e adorei. O que acontece noutras competições é cada um por si e aqui não. Até eu ficava nervoso de ver quando os outros não conseguiam”.

Já Jessica Furtado, 29 anos, nos femininos, conta que atingiu os seus recordes pessoais e que “era isso que queria”. “Os 150 kg só fiz uma vez na semana passada e hoje saiu de tiro”, assegura. “Vou tentar ir aos 160 ou 170 kg no nacional de levantamento e tentar chegar perto dos 80 kg de supino. Estou a treinar há duas semanas simplesmente porque tenho uma hérnia lombar e tive que parar”, remata a atleta lagoense.

“Só não conseguimos ir mais longe e a outros países mais vezes por falta de apoios. O que torna muito dispendioso para cada atleta são as passagens, as estadias, o transporte, a alimentação e o valor da inscrição em cada prova, mesmo que sejam divididas as despesas entre todos”, lamenta Jessica.

A atleta viu ainda o marido, Pedro Furtado, na categoria -90Kg, ganhar a inscrição para o campeonato Ibérico, em Valladolid, Espanha, em peso morto.

Outro dos atletas que ganhou a inscrição no nacional foi João Pires, 28 anos, natural do Ro-

sário, na Lagoa, que treina e faz ginásio há cerca de 15 anos.

“É a minha primeira prova de powerlifting. Agora vou ao nacional. Sinto-me emocionado, sinto-me orgulhoso, é um resultado que não estava à espera. Como estou ciente que vou ao nacional claro que vou tentar ao máximo, vou melhorar a minha carga máxima e vou lutar por isso”, diz o atleta entusiasmado. O evento promovido pelo Gym4you contou com as presenças de Valter Tapia, Carlos Corrêa e Tiago Costa, atuais campeões do mundo nas categorias de -140kg, -100kg e em -75kg, respetivamente, sendo que Corrêa detém também o título de campeão nacional na mesma categoria. A prova teve também a participação de Fábio Medeiros, campeão nacional em -82,50 kg e, ainda, Hugo Sousa que competiu na categoria -82,5 kg no campeonato nacional onde conquistou o quarto lugar. “Quem ganha nesta prova, tem direito a participar no nacional com inscrição já paga pela federação”, assegura Pedro Barros. O proprietário do Gym4you explica que a prova primeiro “começa o aquecimento que dura meia hora para depois começarem o primeiro movimento. Depois de iniciarem o primeiro movimento cada atleta tem quatro tentativas em que começam com uma margem mínima de peso a levantar e podem ir subindo gradualmente”.

Na prova estiveram, também,

os jurados Sandro Eusébio, presidente do World Powerlifting Congress Portugal, igualmente responsável pela Pro League, e Carla Carneiro, também jurada. Ao DL, Sandro Eusébio disse que o clube açoriano está “bem forte” e que “é sempre um gosto estar aqui porque o clube é bom, a terra é bonita”. Quanto à prova, no final defendeu que “superou as expetativas” e que “os atletas estão num nível bom”. Assinalando que “há alguma falta de conhecimento a nível de regras e técnicas”, mas que “estão excelentes” e Apurados e anunciados os resultados, o responsável pela organização disse ao DL que “ao nacional vão três atletas, João Pires, Pedro Furtado, Jessica Furtado e depois vai haver o campeonato Ibérico em Espanha e aí vão mais”, explica Pedro Barros.

A assistir à prova encontramos Nelson Furtado, 29 anos, que se deslocou da vila das Capelas. Questionado pelo DL o que acha como adepto, diz que: “acompanho porque gosto, é uma prova que dá para perceber que é preciso muito trabalho e dedicação”.

MODALIDADE COM VERTENTE INCLUSIVA

A prova ficou marcada ainda pelos atletas da categoria de Adaptado, com as presenças de Raquel Saraiva e de Wilson Raposo que mostraram resiliência e como a modalidade é inclusiva.

Ao Diário da Lagoa, Wilson, de 21 anos, diz que gosta da modalidade, que “não foi difícil” e que está motivado a participar já na próxima que vierem a realizar. A mãe do atleta natural do Cabouco, Maria Raposo, explica que o filho tem uma doença degenerativa que o atirou para uma cadeira de rodas e, por isso, foi-lhe recomendado o ginásio como complemento à fisioterapia.

No entanto, Maria Raposo alerta que antes de Wilson começar a treinar no ginásio Gym4you, frequentou o Aquafit. “Vem a pandemia e os instrutores foram proibidos de ter contacto com os utentes. Fui lá para saber como ficaria a situação do Wilson, tendo em conta que eles sabiam que o Wilson necessitava de apoio para entrar e sair, para mudar de uma máquina para outra, e esse apoio foi-nos negado. Maria Raposo lamenta que o filho não tenha tido acesso àquilo que precisa: “por lei qualquer edifício, hoje em dia, tem que ter no mínimo uma rampa, e no Aquafit não tinha e continua a não ter”.

Contactada pelo Diário da Lagoa, a câmara municipal de Lagoa, gestora do ginásio Aquafit, através do vereador do Desporto, Nelson Oliveira, explica que “há cerca de um ano” a autarquia comprou “uma cadeira trepadora com a formação de todos os técnicos na operação desse equipamento. A cadeira está preparada para nessas circunstâncias, tanto com as cadeiras dos próprios utentes caso seja necessário ou mesmo para aqueles que têm uma mobilidade mais reduzida”.

Questionado se a autarquia dispõe então de uma forma de trazer o utente desde o exterior até ao interior, Nelson Oliveira responde: “sim, desde o acesso exterior para o interior do ginásio, como na eventualidade e na perspectiva de aceder às casas de banho ou aos balneários que também têm uma escadaria interior. A cadeira serve para ambos os trajetos. No caso das piscinas tem um elevador para essas situações e que é usado para situações de multi dependências”. ■

Guerra do Ultramar: um confronto que permanece na mente dos antigos combatentes

Já se passaram mais anos em Liberdade do que no regime da ditadura que, durante décadas, oprimiu o povo português no Estado Novo. Ainda assim, quem foi mandado para a guerra, sem querer, tem muito por contar

■ Por Sara Lima Sousa

Neste mês da Liberdade, assinalam-se 49 anos desde a Revolução dos Cravos. Nesta reportagem, que carrega a função de honrar e cumprir um dever de memória para com os antigos combatentes do Ultramar, que foram também afetados pelos episódios bélicos e traumas associados, serão partilhados os testemunhos de três lagoenses que passaram por uma experiência que mudou as suas vidas.

Manuel Pádua, 72 anos, é o delegado do Núcleo da Liga dos Combatentes da Lagoa, cujo lema é “cuidar dos vivos e honrar os mortos”. Obrigado por lei a “defender e dar a vida pela pátria”, recorda, com alguma dificuldade, os 29 meses que passou, de “arma na mão”, em Angola. “Ou ias, ou ias”, garante ao Diário da Lagoa (DL).

“Só via sangue por tudo o que era sítio”, relembra, “com dor”, um dos episódios mais marcantes da época que decorreu em Nambuanguo. “Éramos nós ou eles. Não posso voltar atrás”, lamenta. Apesar de ter conseguido seguir com a sua vida, confessa que evita falar deste tópico porque “quando se fala nisso custa”.

Para tentar esquecer as circunstâncias que o rodeavam, na altura, Manuel Pádua conta que costumava deslocar-se para outras cidades de modo a “tentar pôr a mente um pouco mais limpa”. Por isso mesmo, conhece Angola de norte a sul e é desses momentos que se lembra. “Os outros tento realmente esquecer”, acrescenta.



■ Neste mês da Liberdade, esta reportagem carrega a função de honrar e cumprir um dever de memória para com os antigos combatentes do Ultramar

HÁ MOMENTOS QUE NÃO SAEM DA MEMÓRIA

José Lima, 71 anos, também viu “muita coisa” durante os 20 meses em que foi condutor em Vila Cabral, Moçambique. Ao longo da sua atividade nos transportes no norte do país, carregou para os quartéis todo o tipo de mercadorias e mantimentos, mas destacou os “sacos de farinha, café, açúcar e ovos”.

Um dos episódios mais difíceis para o condutor foi quando o camião ficou atolado na lama, após uma avaria. “Eu e um colega passámos a noite inteira no mato, em cima de uma árvore, a tomar conta do camião. Não podíamos estar muito perto para não sermos capturados”, explica José Lima, acerca de um dos dias em que se sentiu em perigo.

Não só camiões enterrados até à cabine e acidentes por causa do mau tempo marcaram o lagoense. As minas anti carros na estrada eram também muito frequentemente vistas, realidade esta impensável nos dias de hoje. Quando detetadas, era necessário recuar, mas quando isso não acontecia, muitos morriam.

“Aquilo mexeu comigo. Ver pessoas amigas falecidas”, confessa, sobre uma das vezes em que viu um grupo de colegas mortos, dentro de um camião. “Quando explodia fi-

cava tudo destruído. Para escapar era preciso um milagre”, lamenta.

Um dos momentos que José Lima mais se recorda foi o da separação de colegas, “irmãos”, que estiveram em Vila Cabral durante cerca de quatro meses, mas que foram mandados pelo comandante para outra localidade para exercer diferentes funções. “Eram pessoas com quem já estava habituado e mexeu comigo”, expõe. E não tinham outra opção. “Não os vimos mais até ao fim da guerra, quando regressaram a São Miguel”, declara.

Rodeado de hienas, elefantes e mesmo cobras, José Lima chegou a ver esses animais na selva, o condutor estava isolado da sua vida em São Miguel. Deste modo, o único meio de comunicação disponível eram as cartas, que só se conseguiam mandar de 15 em 15 dias, aproximadamente. “Ficávamos muito contentes quando recebíamos uma carta”, relata José Lima, que falava através de telegramas com a namorada, na altura, sobre “namoros, casamentos e filhos”.

O PASSADO NO PRESENTE

José Lima admite que ainda hoje em dia pensa muito nesse período da sua vida, “nos amigos, muitos que já morreram, na juventude – no que se passou e no que não se passou”. O que se perdeu.

Por sua vez, João Medeiros, 74 anos, que cumpriu serviço militar em Angola durante dois anos, confessa, sem hesitar, que também pensa e fala sobre isso, atualmente, “com colegas que lá estiveram [no Ultramar]”. Para além da troca de impressões, “por vezes, quando me deito, recordo-me de algumas coisas que não são muito boas”, acrescenta com tristeza. João Medeiros acredita que, apesar de tudo, ter cumprido serviço militar é bom sinal. Sinal de que “tinha saúde e estava na sua normal capacidade”, tendo por isso todas as condições necessárias para ser chamado, ao contrário de jovens que, por invalidez, não serviram no Ultramar. “Se tivesse ficado de fora, significava que tinha algum problema de saúde e era inapto para o serviço militar”, considera.

“Vou vivendo a vida. Mas também vivo de recordações. Às vezes recordo-me destas aventuras”, afirma, referindo-se, por exemplo, às várias noites passadas ao relento, com os colegas, todos encharcados.

“Hoje fala-se muito nos direitos humanos e lembro-me do que se passava ali. Não havia direitos humanos. Era tudo pela lei do mais forte”, sustenta João Medeiros, que admite que o assunto “quase dá vontade de chorar”. De acordo com o lagoense, fez-se muita “coisa que não devia ter sido feita”.

Alguns colegas de Manuel Pádua, conta o próprio, ainda têm pesadelos com o sucedido. “Para estes que sofrem de traumas, temos médicos que podem ir a sua casa”, relembra o delegado. No entanto, muitas pessoas “não querem esse tipo de ajuda por medo, receio, ou por armarem-se em fortes. Não querem dar a parte fraca, infelizmente”, acrescenta.

ABRIL MÊS DA LIBERDADE

Para José Lima, Liberdade significa “estar à vontade para ir, estar e falar nos sítios”. Destaca, por isso, a liberdade de expressão de cada indivíduo, visto que atualmente “podemos falar” e, naquele tempo, “não se podia dizer nada porque era perigoso”, afirma.

É importante “não confundir liberdade de expressão e de escolha com liberdade para agredir tudo e todos”, diz João Medeiros. “Liberdade não é agredir um e outro. É poder escolher e dizer o que se quer diretamente na cara da pessoa e discordar daquilo que não gostamos”, argumenta o lagoense.

Já para Manuel Pádua, liberdade é uma “palavra mágica”. O delegado considera que, hoje em dia, a realidade é diferente da que enfrentou na altura. “Só sou livre quando não entro na casa de ninguém. Não pode ser assim”, conclui. ■

Água de Pau já conta com skate parque

A câmara municipal da Lagoa inaugurou o projeto vencedor da quinta edição do Orçamento Participativo Jovem (OPJ), nomeadamente a construção de um skate parque no polivalente da vila de Água de Pau, proposta que teve como proponentes um grupo de alunos do 6.F do ano letivo 2020/2021.



■ Também foi colocada iluminação e criado um acesso rodoviário para ambulâncias

Na ocasião, Cristina Calisto congratulou-se pela “entrada em funcionamento do skate parque, proposto pelos jovens de Água de Pau e votado por maioria por toda a comunidade”.

A presidente da câmara da Lagoa lembrou que “ao longo de cinco edições, o OPJ recebeu mais de duas mil ideias dos jovens que, numa verdadeira ativação comunitária ju-

venil, tem contribuído positivamente para o desenvolvimento do nosso concelho.”

Para a construção do equipamento foi necessário realizar algumas intervenções no

polivalente de Água de Pau, procedendo-se à pavimentação uniforme do espaço. Também foi colocada iluminação e criado um acesso rodoviário para ambulâncias, em caso de

emergência. Foi, ainda, construída uma base de betão para a fixação da estrutura do skate parque.

A cerimónia serviu, ainda, para Cristina Calisto apresentar o novo projeto da câmara municipal da Lagoa, o Orçamento Participativo da Lagoa. Com cronograma definido, e já a ser implementado nas escolas, o OP Lagoa pretende chamar à participação toda a comunidade, despoletando pela primeira vez a oportunidade de adultos (de forma individual ou em grupos informais) apresentarem propostas e votarem.

O Orçamento Participativo da Lagoa conta com uma verba de 105 mil euros, sendo 75 mil euros destinadas à categoria geral e 30 mil euros à categoria projetos jovens. Consideram-se projetos jovens todos aqueles cuja autoria pertença a jovens dos 12 aos 30 anos, residentes, estudantes ou trabalhadores no concelho. ■ DL

PUB.

QUANDO CAMINHAMOS LADO A LADO, NINGUÉM FICA PARA TRÁS



Primeiro laboratório de lentes oftálmicas nos Açores instala-se na Lagoa

Lentes serão fabricadas e entregues na ilha de São Miguel no próprio dia e com possibilidade de entrega nas restantes ilhas do arquipélago açoriano em 24 horas



■ Luís Feijó (à esq.), líder da Shamir em Portugal, destaca que a maior preocupação “não é vender lentes” mas sim entregá-las”

O Tecnoparque, localizado na freguesia de Nossa Senhora do Rosário, na cidade da Lagoa, tem o primeiro laboratório de fabrico de lentes oftálmicas nos Açores. A empresa Shamir Optical instala, assim, o seu primeiro laboratório móvel no arquipélago açoriano, o que vai permitir o fabrico e entrega de todo o tipo de lentes oftálmicas em São Miguel no próprio dia, e com possibilidade de entrega nas restantes ilhas dos Açores em 24 horas, condicionado a transportes aéreos. Numa primeira fase, o laboratório que se encontra no Tecnoparque será uma unidade móvel, totalmente equipada e certificada,

sendo que a expectativa é que, terminado o período de análise de mercado o grupo instale uma unidade de maior dimensão na Lagoa que irá permitir aumentar a sua capacidade de produção e recrutamento de mais recursos técnicos.

Luís Feijó, em declarações ao Diário da Lagoa, diz que a escolha do Tecnoparque se justifica porque têm “clientes em toda a ilha de São Miguel. E a Lagoa, porque fica a meio da ilha, é um ponto central. Depois tivemos um acolhimento muito rápido”, enquanto acrescenta que “não

foi procurado, foi uma coincidência em ter encontrado as pessoas certas para chegarmos aqui. Estamos a dez minutos de qualquer coisa”.

O responsável pela empresa, explica, ainda, que atualmente produzem “10 mil lentes por dia” que são entregues em toda a Europa e salienta que a maior preocupação “não é vender lentes, é entregá-las”, esclarecendo que: “o nosso conceito é serviço, qualidade e serviço. Estamos a tentar encontrar soluções com alguns parceiros para conseguir entregar na maior parte das ilhas,

de um dia para o outro”.

“Se não fosse para o nosso consumir ganhar com isso, não faria sentido. Acho que é bom que se desenvolvam estas novas tecnologias dentro do nosso país.

A nova tecnologia que trazemos aqui foi considerada o produto do ano em termos de inovação”, remata Luís Feijó.

Questionado sobre o impacto da vinda do fabricante para a região, o Luís Feijó refere que “é muito importante a proximidade e as pessoas terem a confiança, saberem que é feito aqui [nos Açores]. A maior parte das lentes que se consome na Europa vem da Ásia. E o objetivo depois é ensinar às pessoas de cá para dar continuidade ao nosso projeto”, conclui.

De acordo com nota de imprensa da câmara municipal da Lagoa (CML), foi assinado um contrato entre a empresa e a autarquia, tendo na ocasião a presidente da CML, Cristina Calisto, realçado o facto de que “esse investimento permitirá melhorar significativamente a qualidade de vida dos açorianos, que neste momento precisam de aguardar várias semanas pela entrega de lentes oftálmicas”.

Com mais este investimento no Tecnoparque, “fica claro, mais uma vez, que o investimento nessa infraestrutura de capacitação de investimento criou as condições para que a Lagoa se torna numa cidade atrativa e inovadora”, afirma Cristina Calisto. Fundada em 1972, a Shamir conta com 16 laboratórios por todo o mundo e com uma equipa de mais de 2100 colaboradores, presentes em 24 países dos quatro continentes. Desde 2022 que é detida a cem por cento pelo grupo Essilor Luxottica.

A funcionar em Portugal desde 2001, a Shamir Optical tem neste momento três unidades de produção, nomeadamente em Vila do Conde, Lisboa e Porto respetivamente, equipadas com a mais recente maquinaria e instrumentos utilizados na produção de lentes oftálmicas, sendo uma referência na indústria europeia. Com quadros altamente qualificados e tecnologia de ponta, assegura desde 2001 a produção de lentes oftálmicas para o mercado mundial. A produção supera dois milhões de lentes por receita e emprega em Portugal mais de 300 pessoas. ■ DL

Lagoa e Nordeste marcaram presença no stand dos Açores na BTL em Lisboa



■ Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, também passou pelo stand da Lagoa

O arquipélago dos Açores contou com uma grande representação, entre os dias 1 e 5 de março, na Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL) 2023, nas instalações da FIL, no Parque das Nações. Logo à entrada do Pavilhão 1, a marca Açores esteve em destaque com um grande stand que valorizou as cores do arquipélago e recebeu profissionais de turismo e membros concelhios que mostraram o melhor que o arquipélago tem para oferecer, desde a gastronomia, a

vertente ecológica, a cultura, as tradições, passando ainda pelo turismo e pelas diversas atividades e oportunidades de negócios que as ilhas oferecem ao longo do ano.

Agências de viagens, grupos hoteleiros, ‘rent-a-car’ e empresas de animação turística estiveram entre as dezenas de representantes açorianos na BTL. O espaço referente aos Açores contou com 729 m2, partilhado pela VisitAzores e pela Associação de Municípios da Região Autónoma dos



■ Stand do Nordeste voltou as suas energias para promover a caminhada “Real Priolo”, que terá lugar dia 29 de abril

Açores. Estavam juntos, além dos 19 concelhos, cerca de 30 empresas associadas da VisitAzores.

O presidente do Governo regional dos Açores, José Manuel Bolieiro, visitou o espaço e destacou que “os Açores são um destino que cada vez mais está consolidado” e que conta com “excelência, carisma, com promoção constante e regular, mas com um histórico de excelência que dá currículo”, apostando na “sustentabilidade”.

A nossa reportagem conversou com os representantes do concelho da Lagoa que estavam a promover o destino e a oferecer viagens para a ilha de São Miguel num contexto de passatempo. Segundo apuramos, a ideia foi mostrar as paisagens, as possibilidades turísticas, reforçar a componente religiosa e cultural e destacar os alojamentos disponíveis, além de explicar atividades como a Rota da Água, com opções de percurso pelas Pedras Brancas, Janela do

Inferno e Túneis e Condutas. Conhecemos também o stand do Nordeste que voltou as suas energias para promover a caminhada “Real Priolo”, que terá lugar dia 29 de abril nesse concelho. As paisagens e a componente ambiental foram também ressaltadas. A Casa do Trabalho, da Santa Casa da Misericórdia do Nordeste, expôs alguns dos seus trabalhos. Durante os cinco dias de BTL, o espaço dos Açores foi bastante procurado e manteve sempre uma grande movimentação de visitantes.

“Esta local está espetacular. Gostei de ver as atrações que existem. Quero visitar os Açores assim que possível. Quem sabe não consigo um bom desconto para lá ir ainda durante o evento”, disse Ana Correia, presidente da Câmara de Comércio da região das Beiras, com sede em Portugal continental, ao visitar o stand dos Açores.

■ Por Ígor Lopes

Pai de jovem acamado lança pedido de ajuda devido à suspensão das sessões de fisioterapia

Tiago Pacheco sofreu um acidente em 2018 que lhe roubou a mobilidade. Desde então está preso a uma cama 24 horas por dia. Ao Diário da Lagoa (DL) diz que não suporta mais a sua condição. Está impedido de fazer fisioterapia há quase um ano

■ Por Clife Botelho
com Sara Sousa Oliveira

É numa manhã de chuva que chegámos à casa de José Oliveira Pacheco, 48 anos, na freguesia dos Fenais da Luz, concelho de Ponta Delgada. É aqui que vive com a mulher e o filho Tiago, de 22 anos. José vê e cuida do filho 24 horas por dia, sete dias por semana. Encontra-se preso a uma cama há quatro anos. “Era um jovem perfeitamente normal, sem problemas nenhuns de saúde”, garante José. “O Tiago no dia 20 de abril de 2018 teve um acidente de mota, despistou-se numa curva e bateu contra um muro de pedra”, começa por contar entre pausas para suster as lágrimas na conversa que tem com o DL.

“Eu estava a trabalhar e quem recebeu a primeira notícia foi a minha esposa”. A esposa é empregada doméstica, enquanto José deixou de trabalhar na área da construção civil, como trabalhador independente, depois do filho passar a precisar de cuidados continuados na sequência do acidente.

A longa lista de lesões de Tiago quase ocupa uma folha A4. José conta que o filho esteve “praticamente um mês” em coma com seis meses de internamento hospitalar. Depois teve de fazer fisioterapia. José Pacheco explica ao DL que atualmente já não recebe Rendimento Social de Inserção que lhe foi cortado depois de vários avanços e recuos no processo. Garante que o que a mulher recebe, bem como a pensão a que Tiago tem direito não chegam para tudo.

Em casa, Tiago passa os dias deitado a ouvir música mas já não frequenta a fisioterapia, uma componente essencial para, pelo menos, não piorar a

sua condição. O pai diz que por vezes “agrade-se a si mesmo” e que, por isso “tem de andar sempre com a mão esquerda imobilizada”.

“AJUDA-ME, NÃO AGUENTO MAIS VIVER ASSIM”

Já foram duas vezes a Alcoitão e uma vez ao Porto mas sem grandes melhorias. Em São Miguel, ainda antes da pandemia, Tiago tinha feito fisioterapia no Hospital do Divino Espírito Santo (HDES), em Ponta Delgada. Depois deram-lhe a possibilidade de escolher uma clínica privada. “O Tiago sempre se deu super bem com a fisioterapeuta, uma rapariga jovem mas que dava tudo por tudo, e para mim era das melhores que lá estava. Ela foi transferida para o hospital novo da Lagoa”, começa por explicar José Pacheco. “Teve uma certa altura, não sei o que aconteceu, em que ele deu um estalo na cara dela e desde aí ela não quis. O hospital tem protocolos com o Danefisio. Têm a sua clínica na Ribeira Grande e também ficaram com a fisioterapia no Hospital Internacional dos Açores (HIA). Como ela foi transferida para o HIA, eu ia lá”, diz. Mas



■ Tiago (à esq.) e o pai, José Pacheco (à dir.) passam 24 horas juntos, sete dias por semana

José Pacheco conta que tudo mudou quando o proprietário da clínica ligou a informar que “ia suspender a fisioterapia com o Tiago”.

José não desistiu. Foi ao HDES falar com a fisiatra do filho mas sem sucesso e sem qualquer solução para a ausência das sessões. “O meu filho precisa de ajuda neurológica primeiro e só depois da fisioterapia. O meu filho já está há praticamente um ano sem fazer fisioterapia. Não sou fisioterapeuta, mas já assisti a muita fisioterapia e refaço o que via. Até tenho máquinas que eu fiz aqui em casa. Só que ele não colabora comigo”, lamenta o pai. José Pacheco diz que este é “um pedido de ajuda” porque o filho necessita dos tratamentos que não faz.

PROGRAMA DE REABILITAÇÃO FOI SUSPENSO DIZ HDES

O DL contactou as três instituições de saúde envolvidas no caso de Tiago Pacheco. Nos esclarecimentos que remeteu por escrito ao jornal, o HDES diz que Tiago, “por alterações comportamentais graves, sequelas do acidente, com períodos constantes de auto e heteroagressão para com as equipas terapêuticas, não reúne condições para manter o tratamento, motivo pelo qual foi suspenso o programa de reabilitação e não recusado”. O HDES, onde Tiago é seguido na consulta de Medicina Física e de Reabilitação, diz que “retomará o tratamento” assim que “reúna as condições necessárias”, não especificando quais nem quando.

Contactada pelo DL, a Danefisio disse apenas que “não se pronuncia em nome do HIA - Hospital Internacional dos Açores pelo que este tema deverá ser remetido para a Direcção de Marketing e Comunicação do Hospital”, não respondendo às diferentes questões colocadas pelo DL.

O Hospital Internacional dos Açores (HIA) diz que “o utente recebeu o tratamento adequado ao seu quadro clínico, não existindo em nenhum momento, recusa à prestação do mesmo. Inclusive, não foi recebido nenhum pedido por parte do cuidador, para continuidade das sessões

de fisioterapia, desde junho de 2022”.

Preso à mesma cama, dia e noite, Tiago, falou como pôde com o DL. “Ajuda-me, não aguento mais viver assim”, suplicou-nos com dificuldade e a chorar, enquanto nos pedia um abraço.

O QUE DIZ A LEI PORTUGUESA?

De acordo com a Lei n.º 15/2014, de 21 de março, alterada pelo Decreto-Lei n.º 44/2017, de 20 de abril, no artigo 4.º, primeiro ponto, pode ler-se que: “o utente dos serviços de saúde tem direito a receber, com prontidão ou num período de tempo considerado clinicamente aceitável, consoante os casos, os cuidados de saúde que necessita. O segundo ponto do mesmo artigo diz que “o utente dos serviços de saúde tem direito à prestação dos cuidados de saúde o mais adequados e tecnicamente mais corretos”. No terceiro e último ponto do referido artigo, plasmado em Diário da República, lê-se que “os cuidados de saúde devem ser prestados humanamente e com respeito pelo utente”.

Sem fisioterapia há quase um ano, a condição física de Tiago piora a cada dia que passa. O pai não sabe a que mais portas bater. Bateu à do DL, desesperado, com a esperança de encontrar ajuda para a situação dramática que vive, dentro de quatro paredes, com o filho. ■



■ Tiago tinha 17 anos quando teve o acidente de mota a 20 de abril de 2018

A Arte do Silêncio: Da Renda ao Rosário

Tão fina e delicada é a renda tecida entre mulheres de várias idades! O silêncio é a trilha dessa canção, uma desculpa artesanal para ensinar uma sabedoria antiga. Rendilhado intrincado e bonito. Em cada linha de bordado, dedilham uma melodia até o turbilhão amainar. O amor todo na agulha de dedos já cheios de calos. Muitas vezes são lágrimas em bordados, modelos repetidos, sobre um quadricula: são esquemas matemáticos, geométricos, simétricos e assimétricos eludem parecer impossível. Fio a fio, ponto a ponto, tecem um verso, num bordado que eles não decifram, mas calam. Serão agulhas ou adagas, serão quadrados e flores ou um código? Eles não sabem, mas entram no silêncio profundo da concentração que o exercício exige. Assim se amaina a tormenta.

Renda, terço, arte e silêncio são temas ricos em simbolismo, per si. Hoje já não se vê tanto, mas as pessoas ainda se juntam para rezar ou tecer, já o silêncio tem um significado especial. Era um tempo que tinham, na azáfama amarga e dura da vida, no qual meditavam e ouviam o grito interno da alma. Todos eles poderiam ser subtemas, mas resolvi juntá-los. A expressão da «renda ao terço» é uma expressão que possui raízes em diferentes féis e credos, canta-se uma oração enquanto dedilham de conta em conta, entremeadas, no fio do Rosário, antes em latim e que exigia um clima de concentração e piedade. Quem se lembra? Alguns faziam-no com os joelhos em cima de milho! Um método em todo semelhante à disciplina dos artistas: primeiro, a contemplação; depois a observação; logo a seguir o cálculo e análise entre linhas, pontos, notas de música ou trabalho em barro. Já a arte do silêncio é a prática da quietude e estar em estado de atenção plena. É uma prática de contemplação meditativa que nos convida a questionar as nossas profundezas interiores e ir além das distrações do nosso mundo físico. A renda é uma das primeiras formas tangíveis da arte do silêncio. A delicadeza padronizada dos fios e a perfeição do produto acabado foram manifestações do requintado equilíbrio de luz e sombra, de quietude e movimento.

Este tipo de artesanato, sustento monetário de algumas famílias, testemunha o saber tradicional e os artesãos que trabalham com dedicação e competência para concretizar uma ideia ou conceito, de beleza subtil e exigente. Por sua vez, a arte do silêncio inspirou contemplação, libertação e conexão em praticantes de inúmeras religiões e culturas. Poderia ser interpretado como uma fuga à inquietude interior, reação aos tempos tumultuosos, às realidades cada vez mais maquinadas e em constante evolução. São práticas que ajudam a centrar, exigem atenção plena, cultivam a humildade, pois é mais difícil do que parece, e foram uma fonte de conforto e conexão. Ainda hoje, ao passar pelas ruelas de São Roque, há portas abertas e iluminadas, à noite, onde as mulheres, exaustas de um dia de trabalho, se encontram. Ouvem-se risadas e cantigas numa trama repelente a invasores desterrados, dos tolos à solta e da paciência que as esgota.

Da «renda ao terço» é uma expressão com as suas sombras, porém, é uma frase antiga utilizada para desculpar ou minimizar o silêncio das mulheres. Esta expressão nasceu por volta da era medieval. Naquela época, a mulher não tinha direitos e era considerada inferior ao homem. Por isso, esta frase era como um lembrete para manter as mulheres caladas. Não eram autorizadas a expressar as suas opiniões ou assumir qualquer posição contrária às regras estabelecidas pela religião ou pela lei. Portanto, a mulher que se dedicava, com afinco a esta arte, era considerada recatada e talentosa, submissa e dócil aos poderes instalados vinculantes do silêncio, apreciado e patriarcal.

Apesar de ter sido mais utilizada por mulheres, o ditado também era visto como um aviso para os homens quando expressavam as suas opiniões ou tomadas de decisão arrogantes. Era, portanto, usada para relembrar a humildade e o poder do foco.

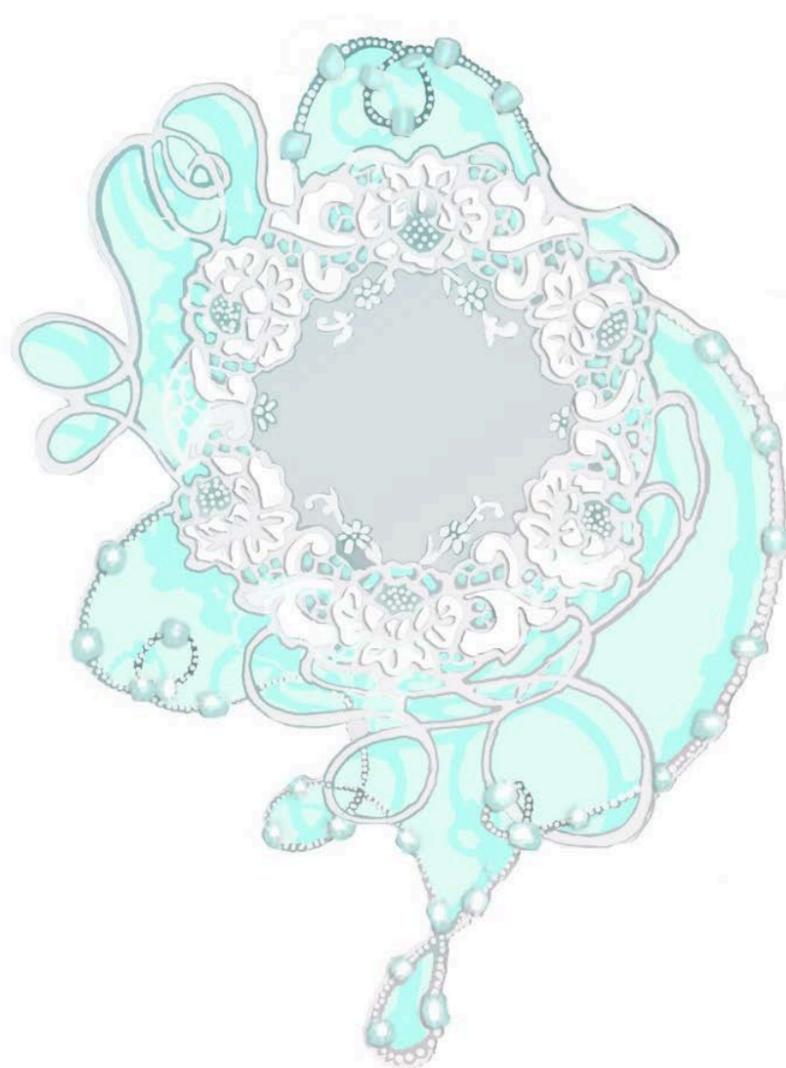
Em algumas casas, porém, era usado como desculpa para fugir da violência física e psicológica a que muitas estavam sujeitas e assim, juntas,

centradas, produzindo a sua renda e rezando a sua oração, apartavam-se das tormentas ou adiavam os julgamentos e as dores, do outro lado do quarto. Era o tratamento silencioso da altura, na qual, talvez, o feitiço se tenha virado contra o feiticeiro. É também uma forma de comunicação passiva de renúncia à comunicação; elas optavam pelo silêncio para evitar a discussão, em especial, quando lhes vedavam a liberdade e os desejos.

Por isso e mesmo num mundo atual, lidamos com um barulho contínuo e tumultuoso, das escolas ao trânsito e a ruídos de variadas espécies e origens, não é de admirar que a arte do silêncio continue a ser tão importante e que haja pessoas a voltar à renda e à meditação. Por meio do silêncio, conseguimos ouvir o som da nossa respiração, desenvolver um diálogo interior entre as emoções, sensações e racionalidades. Permite-nos

criar uma esfera de contenção e desaceleração. Mas, num mundo cheio de ruídos, as pessoas também estão a recorrer, em demasia, à distância entre uns e outros, apesar de ser uma forma eficiente de criar espaço e tempo para processar emoções e permitir a cura, contudo o corte de comunicação abrupto é algo bastante desumano ou infrutífero, não permite perguntas ou respostas e pode mesmo levar a que o apartado entre num estado de ansiedade sem saber como interpretar o silêncio, pois a interpretação está sujeita a infinitas verdades ou não. Pode, igualmente, ser encarada como a arte da superiorizarão e desrespeito de uma pessoa sobre a outra, o que provoca ainda mais animosidade e mágoa. A meu ver, a comunicação deve ser sempre feita com respeito, e o desfecho deve permitir a sã argumentação.

Pode encontrar-me no Instagram, em: @lidiamentesdesign



Código do Trabalho + social

Após dois anos de trabalho, a Assembleia da República aprovou um pacote com cerca de 150 normas que alteram a legislação laboral, devendo entrar em vigor algures no presente mês ou no próximo, estando sujeita a promulgação do Presidente da República.

Uma das alterações mais sonantes tem que ver com a criminalização da não declaração do trabalho doméstico. O empregador que não declarar o trabalhador doméstico no prazo de seis meses a contar do início do exercício das funções, pode incorrer na prática de crime e ser condenado em pena de prisão ou em pena de multa.

A par dessa alteração, os direitos laborais das vítimas de violência doméstica são alargados, ficando aquelas dispensadas de cumprir o aviso prévio em

caso de denúncia do contrato, sem ter de indemnizar o empregador.

Mais, o serviço digital do Serviço Regional de Saúde pode emitir “baixas” de até três dias seguidos, até ao limite de duas vezes por ano e mediante autodeclaração de doença, sob compromisso de honra.

O espírito do legislador na criação desse mecanismo pode ficar, em parte, a dever-se à saúde feminina, à necessidade de uma licença menstrual? Esta licença - vigente em Espanha, permite ao sexo feminino, que sofre com dores menstruais, ausentar-se do local de trabalho durante esse período. A origem dessa licença remonta a 1947 e foi implementada, primeiramente, no Japão, contagiando outros países asiáticos.

Adiante, este pacote nor-

mativo dá aos trabalhadores que sejam cuidadores informais o direito de poderem requerer a realização do seu trabalho a tempo parcial, durante quatro anos, em horário flexível, sem terem de efetuar trabalho suplementar. Mais, doravante, os contratos de trabalho devem fixar o valor da compensação devida ao trabalhador pelas despesas que resultam do teletrabalho. Porém, o Governo irá fixar esse valor, estando isento de IRS e TSU - até determinado valor, em moldes similares ao subsídio de alimentação.

Por seu turno, o trabalhador com filhos com deficiência ou doença crónica ou oncológica pode requerer o teletrabalho, independentemente da idade do filho, mas desde que seja possível executar as funções em teletraba-

lho e o empregador disponha de meios para tal.

A licença parental do progenitor passa para 28 dias, devendo ser gozada ininterruptamente ou em períodos mínimos de sete dias nos 42 dias seguintes ao nascimento do filho.

Em paralelo, desaparece o limite de dispensas laborais para tratar de assuntos relacionados com os processos de adoção ou acolhimento familiar, e os trabalhadores podem gozar 30 dias de licença parental no período de transição e acompanhamento. É criada a licença de luto gestacional, em que os progenitores têm direito a três dias de luto pela perda de um filho em fase de gestação.

A licença por falecimento de cônjuge, filho ou enteado passa de cinco para 20 dias. E, no caso de parentes ou afins no 1.º grau



■ Por Maria Chaves Martins
Licenciada em Direito

na linha reta, há uma extensão da licença até cinco dias consecutivos.

Por fim, há que destacar: a redução do número de renovações dos contratos de trabalho temporário, fixando-se em quatro o limite máximo; a impossibilidade de os trabalhadores renunciarem aos créditos laborais no fim do contrato, e a obrigação de pagar-se aos estagiários, no mínimo, o Salário Mínimo Regional.

Em suma, um pacote de normas protecionistas que visam combater a precariedade laboral, valorizar os jovens e a vida familiar, mas pouco progressista na luta pela equidade entre mulheres e homens no acesso ao mercado laboral.

Falta de gente é deveras preocupante...

As projeções da população residente no nosso país, para os próximos anos, segundo o Instituto Nacional de Estatística, devem preocupar qualquer governante e obrigar a decisões políticas muito ponderadas.

Quanto aos Açores, o cenário é mesmo muito preocupante. Há ilhas que perderão metade da sua população. No global do arquipélago, os atuais 242 mil habitantes destas ilhas de bruma devem decrescer para os 170 mil (!) habitantes, até 2080. Daqui

a pouco mais de 50 anos, segundo a mesma fonte, a população açoriana entre os 0 e os 14 anos, que atualmente se situa nos 38 mil, passará para cerca de metade (17 mil); a população entre os 15 e os 64 anos, dos atuais 169 mil, passará para 83 mil; mas os residentes com mais de 65 anos, que atualmente contam cerca de 35 mil, passará para o dobro (70 mil).

Os resultados obtidos não devem ser entendidos como previsões, mas sim lidos com um carác-

ter condicional “se-então”, uma vez que são condicionados: 1) pelo volume e pela estrutura da população, no momento de partida e 2) pelos diferentes padrões de comportamento da fecundidade, da mortalidade e das migrações, estabelecidos em cada um dos cenários, ao longo do período de projeção.

Algum dos cenários pode não se confirmar na totalidade, mas a tendência não será muito diferente da projeção. Na verdade, todos nós já sentimos alguns dos efeitos que esta

projeção augura. Há falta de alunos nas escolas e falta de vagas nos lares...

Como serão as nossas escolas daqui a uns anos? Muitas das suas atuais estruturas darão lugar a novos lares? Quantos lares de terceira idade serão necessários em cada localidade? Perante uma população ativa tão reduzida, haverá um acompanhamento alternativo aos lares? Que tipo de sociedade seremos? Que economia sustentará este povo no meio do Atlântico? Senhores governantes, passando por todas as



■ Por Manuel Rodrigues
Professor

estruturas públicas, torna-se urgente serem mais responsáveis nas decisões políticas, que devem ser fundamentadas na ciência e em estudo credíveis e independentes.

Está na hora de serem mais responsáveis para acautelar o futuro que parece inevitável. A gestão à vista para quatro anos já foi chão que deu uvas e o vinho não tem sido de boa qualidade!



■ Por Roberto Medeiros

Histórias da minha antiga Vila de Água de Pau - IV

O José e a Maria – A lapa fugiu para o buso?

No meu tempo em Água de Pau pelos anos 60s já havia casamenteiros, como sempre houve, e hoje, no tempo da internet, essa função já não faz falta. Atualmente, os namorados na minha terra, em geral, não têm intermediários, e os pais que antigamente eram os que consertavam e amanhavam o casamento dos filhos, são agora os últimos a saber dos seus namoros.

Sou do tempo em que entre o povo tudo isto se passava muito simplesmente como presenciei por exemplo, na rua dos Ferreiros. Era o rapaz que se dirigia à sua escolhida, que era a sua vizinha, ou conhecia-a duma desfolhada de milho, das vindimas da Caloura, ou de a ver numa casa de Espírito Santo, onde já tinha balhado com ela ou cantou com ela e ela aceitou os trocadilhos que ele lhe atirava, como este:

Atirei um lenço ao ar
caiu no chão e fez um S
a tua cara rosada
já nunca mais me esquece

Muitas vezes começava assim o namoro, e foi assim que começou o do José “buso” com a Maria “lapinha”, ele da rua das Limeiras e ela da rua da Carreira.

O NAMORO AO CANTO DA RUA

Antes que os pais de Maria soubessem da inclinação da filha, o José não passou do canto da rua onde ficava a casa da pretensa namorada. Ali permanecia horas esquecidas, divisando de quando em quando o vulto da pequena Maria, que de fugida chegava à janela ou ia ao quintal.

Aos domingos é que ocorriam essas oportunidades de se verem de longe, que de semana todos se entregavam ao labor da vida, se bem que o namorado quando vinha e ia para o trabalho procurava passar pela casa do seu namoro, e já o víamos por vezes, uma hora comprida, a fumar cigarros ao canto da rua, imóvel, estático, e a pequena debruçada à janela,

num silêncio enorme, que só falava então o coração numa linguagem que não era permitido revelar.

O NAMORO À JANELA

Quando, porém, os pais da Maria não se opunham ao casamento, ou quando os namorados atingiram a sua maior idade, e assim não havia possibilidade de estranhos o fazerem acabar, então o namorado chegou-se à janela, à noitinha, e conversava com a namorada longo tempo. E as vizinhas, e as amigas, comentando o caso, arrematavam as suas objeções:

- “Já se falam à janela, aquilo é para breve!”

O namoro de porta para dentro Foi a última fase do namoro do José e da Maria; em geral, depois do pedido formal, os pais dela deram licença ao rapaz de entrar em casa: a princípio uma ou duas vezes por semana, aos domingos, aos dias santos; e à maneira que o casamento se aproximava, mais familiaridade ia havendo, e então o namorado podia entrar mais algumas vezes.

Naquela fase o namorado acompanhava a noiva e a família aos divertimentos, aos passeios, e mesmo sem o noivo a pequena não se atrevia a ir a festa alguma.

PEDIR A NOIVA

O pedido de casamento era para ser numa noite, mas ocorreu num domingo à tarde; o pretendente foi só e dirigiu-se ao futuro sogro levando no pensamento aquilo que ia dizer:

«Que deitou as suas vistas sobre a sua filha Maria e pretendia com ela casar, se fosse da vontade de todos os da casa.»

Nem sempre, é claro, o pedido é satisfeito, e assustava-lhe o pensamento a recusa nestes termos: «eu não tenho filhas para casar.»

Todavia, o pedido foi atendido, e o casamento era do agrado da família da noiva, o pai desta perguntou-lhe então:

«E é do agrado dos teus pais?



■ 1949 - Casamento com cortejo a pé, descendo a antiga rua da Carreira e subindo a Praça Nova, a caminho da Igreja

Eu não quero cousas contra vontade. Por mim aí a tens, trata-a bem, que eu bem sei o que te dou.»

Há casos, pensou ele, em que os pais da pedida se vêm forçados a dar o sim, bem contra sua vontade; o povo tinha uma frase própria para esta situação: «Digo-lhe que sim, porque não lhe posso dizer que não.»

Mas, não era esse o caso da Maria «lapinha» pois não precisava fugir para o José «buso». Ele era sério e nunca a tinha tocado ainda nem com a ponta de um dedo, descansou.

Ajustado enfim o casamento, e acertada a época aproximada dele, ficou o rapaz assim autorizado a vir a casa da noiva aos domingos de tarde, aos dias santos e num ou noutro dia de semana quando convidado para isso. De semana falava à janela durante o tempo que entendia, mesmo de dia, que não havia que murmurar:

- «Já são noivos, têm o casamento acertado para o ano novo.»

Dois ou três dias depois do pedido, a noiva acompanhada da sua mãe foi dar aos pais do noivo do pedido e do ajuste do casamento para tal tempo. E assim juntas as duas famílias puseram em relevo as bondades e os defeitos dos noivos:

- «É bom que isto se saiba, não quero que o meu filho vá enganar ninguém. Temos toda a vizinhança por testemunha.»

E os noivos iam-se, no entanto, sorrindo um para o outro, desejando que aquela visita se prolongasse toda a noite.

Agora todo o tempo se empre-

garia no arranjo do dote.

Foi a noiva quem tudo levou dos arranjos da casa, que o noivo, por si, além das suas roupas próprias, só tem de trazer para o casal o seu sacho ou a sua ferramenta, que era toda a riqueza e todo o seu orgulho.

O quarto de camada Maria, era composto da barra de casados, feita de madeira de acácia, ou de castanho, envernizada num tom escuro, da cómoda da mesma madeira em cima da qual se colocou o Menino Jesus, que fazia parte integrante e indispensável do dote de uma noiva, ladeado por dois vasos com flores e um par de castiçais, algumas cadeiras, uma pequenita mesa de três pés, e na parede alguns quadros de Santos emoldurados, entre os quais se encontrava uma Senhora dos Anjos, uma Senhora das Dores e um Santo Cristo.

O meio da casa, era o quarto de entrada; era aí que os camponezes faziam o seu celeiro; aí arrumavam o milho, a fava, o feijão, as batatas, enfim todos os produtos agrícolas necessários para o seu sustento.

Os noivos tinham este quarto muito francamente apetrechado, que o seu celeiro foi provido das dádivas que receberam dos seus pais, vizinhos e amigos no dia do casamento.

Na cozinha havia o indispensável: uma ou duas panelas, uma trempe, uma peneira, uma chaleira, alguns alguidares de barro, a sopeira, a caçarola, a tigela, o lava-mãos, alguma louça, mas pouca, que pouca era ainda a gente da casa.

Em roupas, além das do uso

próprio da noiva, mais uns dois andaimos de roupa de cama. E eis tudo; era muito para quem era pobre, bastante para quem não era rico.

SUPERSTIÇÕES

As conversas dos namorados à janela versavam antigamente sobre aquilo que acreditavam e desejavam para o futuro, mas também sobre os mitos e medos, os ditos e ditados. Queriam conhecer-se bem para se precaverem de por exemplo:

Ninguém se casa à terça nem à sexta-feira, que são dois dias aziagos; nem no ano bissexto se casa alguém, que o casal que assim fizer será infeliz.

Não se deve permitir que a noiva depois de vestida para a cerimónia do casamento, se vá mirar ao espelho, porque grande infortúnio lhe advirá, e viverá mal com seu marido.

Na noite do casamento não se apagam todas as luzes, fica ao menos uma sempre acesa, porque aquele dos dois que apagar a última luz, esse será o primeiro dos dois que morrerá.

E a cama do casal não deve ter os pés voltados para a rua, que se assemelha assim a uma tumba, e morre cedo o noivo.

Acontece por vezes não haver lenha com abundância para se aquecer o forno, e ter-se assim de lançar mão de quaisquer cousas velhas; pois se entre essas for algum resto de cesto de vimes, velho, e como Água de Pau sempre foi terra de vimes, cesteiros e cestos, é isso um dos sinais que o povo tem para anunciar que em breve haverá naquela casa um casamento. ■

CARNEIRO



Amor: a conjuntura reforça a sua energia vital. Provavelmente sente um vigor que lhe permite enfrentar todos os desafios de forma bastante corajosa.

Trabalho: durante esta fase de crescimento, use o seu lado persistente e aventureiro para alcançar os seus objetivos. Os contatos estão protegidos.

TOURO



Amor: a vida afetiva evolui de acordo com os planos. No entanto, eleve a sua autoestima, cuide de si e preste atenção às suas necessidades íntimas.

Trabalho: a nível profissional, procure canalizar as suas forças para o desenvolvimento das suas atividades e tudo indica que vai obter sucessos.

GÉMEOS



Amor: avizinha-se muita agitação e novidades na sua vida amorosa. Todavia, mantenha o foco no seu relacionamento e ouça o outro elemento do casal.

Trabalho: a ocasião é propícia para resolver todos os assuntos pendentes. Certamente está bastante capaz de assumir com êxito todas as suas tarefas.

CARANGUEJO



Amor: a sua sensibilidade pode ser abalada, mas defenda os seus sentimentos e enfrente a verdade para não continuar a viver a sua vida numa ilusão.

Trabalho: este é um período favorável para tratar de todos os assuntos relacionados com processos administrativos ou fiscais que envolvam a justiça.

LEÃO



Amor: atravessa um ciclo ideal para mostrar a sua bondade à sua cara-metade. Mas, evite a tendência para projetar às vezes uma aparência arrogante.

Trabalho: é uma excelente altura para colocar em prática os conhecimentos já adquiridos no passado de modo a sentir orgulho do seu nível cultural.

VIRGEM



Amor: preveem-se mudanças na área laboral que podem beneficiar o rumo da sua vida familiar. Chegou o momento de tomar uma decisão muito importante.

Trabalho: aproxima-se uma etapa de boas concretizações. Certamente vai encontrar soluções práticas e objetivas para todas as questões económicas.

BALANÇA



Amor: a sua capacidade de sedução está particularmente enfatizada. Se está disponível, é possível que comece um romance com contornos invulgares.

Trabalho: esta é a época certa para consolidar um projeto pioneiro. Por outro lado, pode estabelecer um contrato que aumente os seus rendimentos.

ESCORPIÃO



Amor: aproveite essa temporada marcada pela harmonia para partilhar a sua intimidade. Neste sentido, evidencie toda a sua imensa riqueza interior.

Trabalho: pode esperar grandes progressos na sua vida e, mais tarde ou mais cedo, os seus esforços vão trazer-lhe ótimos resultados financeiros.

SAGITÁRIO



Amor: existe uma boa harmonia e começa a fazer projetos para o futuro. Contudo, assuma as suas responsabilidades e conduza a sua vida com firmeza.

Trabalho: pode organizar parcerias que lhe tragam vantagens e soluções para os seus projetos, mas tente manifestar as suas habilidades individuais.

CAPRICÓRNI



Amor: há a possibilidade de acontecer uma grande reviravolta auspiciosa na sua vida. Há que seguir em frente, mas opte por uma conduta ponderada.

Trabalho: aconselha-se que seja mais flexível, porque o seu comportamento rígido pode provocar alguns atritos ou atrapalhar a sua evolução pessoal.

AQUÁRIO



Amor: diversas ocorrências antigas podem ter enriquecido a sua bagagem intelectual. O crucial é aprender a dar significado a cada situação difícil.

Trabalho: os eventos sociais podem fomentar amizades que lhe proporcionam as informações indispensáveis para a superação definitiva de obstáculos.

PEIXES



Amor: perspetivam-se mudanças que podem transformar o seu destino. Mas, acredite que tudo vai acabar por ficar no seu devido lugar no tempo certo.

Trabalho: podem surgir ideias brilhantes ou convites tentadores, mas aprenda a ser mais confiante para que as suas faculdades sejam rentabilizadas

HORÓSCOPO

OBITUÁRIO

ÁGUA DE PAU

Virginia Moniz
Nasceu 07-03-1934
Faleceu 22-03-2023



CABOUÇO

José Duarte Pereira Cordeiro
Nasceu 20-07-1962
Faleceu 19-03-2023



REMÉDIOS

João Francisco Barbosa de Almeida
Nasceu 07-11-1952
Faleceu 02-03-2023



RIBEIRA CHÃ

Francelina dos Anjos Almeida
Nasceu 24-07-1932
Faleceu 21-03-2023



ROSÁRIO

Irondina de Fátima da Silva
Nasceu 03-05-1944
Faleceu 24-03-2023



SANTA CRUZ

Daniel Salvador da Costa Aveiro
Nasceu 29-07-1951
Faleceu 16-03-2023



Rosa Maria de Melo Oliveira
Nasceu 27-08-1939
Faleceu 20-03-2023



ASTRÓLOGO
Luís Moniz

CONSULTAS PRESENCIAIS E ON-LINE

✉ rikinho-astro@hotmail.com 🌐 meiodoceu-com-sapo-pt.webnode.pt

Agência Funerária Carvalho

Tel.: 296960180

(atendimento 24 horas)

E-mail:

agenciafunerariacarvalho@gmail.com

Propriedade/ Editora
Narrativa Frequente Unipessoal, Lda.

Depósito Legal
402139/15

Martins, Manuel Rodrigues e Roberto Medeiros.

Redação
diariodalagoa@sapo.pt

"Os conteúdos dos artigos de opinião, aqui publicados, são da responsabilidade de quem os assina. Anúncios e parcerias são da responsabilidade dos respetivos anunciantes ou parceiros, salvo erro tipográfico."

NIPC
515752304

Fundador
Norberto Silveira Luís

Direção Comercial
Hamilton Martinho

Anúncios
direcao.comercial@diariodalagoa.pt

Capital Social
1.000,00 euros

Diretor
Clife Botelho

Periodicidade
Mensal

Estatuto Editorial disponível em
diariodalagoa.pt/estatuto-editorial/

Detentores de mais de 5% do capital social e gerência
Clife Botelho (100%)

Redação
Clife Botelho (TE 742), Sara Sousa Oliveira (CP 6193).

Tiragem
1.000 exemplares

Impressão
Coingra - Companhia Gráfica dos Açores, Lda.
Parque Industrial da Ribeira Grande, Lote 33
9600-499 Ribeira Grande
São Miguel, Açores



Governo dos Açores
Esta publicação tem o apoio do PROMEDIA - Programa Regional de Apoio à Comunicação Social Privada

Sede
Rua do Espírito Santo, 6A
9560-079 - Lagoa, Açores

Colaboradores
Catarina Teixeira (CO 1224), Ígor Lopes (CP 7108) e Sara Lima Sousa (CO 1234).

Sede da editora e redação
Rua do Espírito Santo, 6A
9560-079 - Lagoa, Açores

Telefone
(+351) 910 098 100

Registo ERC
126473

Colunistas
Lídia Meneses, Luís Moniz, Maria Chaves

Solar de Santa Catarina em Ponta Delgada © Sónia Braga

São Miguel à vista



LOCAL

CUF anuncia aquisição do Hospital Internacional dos Açores

O Hospital Internacional dos Açores (HIA), localizado na cidade da Lagoa, em São Miguel, é agora parte integrante da rede CUF, anunciou, no passado dia 24 de março, o grupo hospitalar da família Mello.

A CUF revela, assim, que teve luz verde da Autoridade da Concorrência para adquirir o HIA, mas não revela o valor do negócio.

Na nota de imprensa enviada às redações, a CUF salienta que se trata de “um passo significativo na expansão e consolidação da sua rede nacional de cuidados de saúde”.

Composta por 24 hospitais e clínicas, localizados em Portugal continental e, agora, no arquipélago açoriano, a rede CUF assegura que “fortalece, com esta aquisição, a sua proximidade às populações, e, simultaneamente, reforça a oferta de cuidados diferenciados e de qualidade na região”.

Para o presidente da Comissão Executiva da CUF, Rui Diniz, “a concretização desta aquisição representa uma importante mais valia para a estratégia de expansão e consolidação da rede CUF, cuja ambição passa por disponibilizar a cada vez mais portugueses os cuidados de saúde de qualidade prestados pela CUF. A partir de hoje, a Região Autónoma dos Açores passa a contar não só com um hospital CUF mas, também, com uma rede integrada de cuidados de saúde com perto de oito décadas de experiência”.

A nova unidade hospitalar da rede CUF, conta com capacidade de mais de 90 camas de internamento, incluindo uma Unidade de Cuidados Intensivos, quatro salas de bloco operatório e mais de 50 gabinetes de consulta, exames e tratamentos. Disponibiliza, ainda, serviços de atendimento permanente, Imagiologia, exames especiais, hospital de dia médico, entre muitos outros.

De acordo com Rui Diniz, “a CUF pretende, com esta aquisição, ser um parceiro estratégico da Região Autónoma dos Açores ao contribuir para o reforço da acessibilidade aos cuidados de saúde de qualidade e, simultaneamente, para o seu desenvolvimento social e económico”.

“A aquisição permitirá, igualmente, uma partilha de conhecimento entre as equipas da CUF e desta nova unidade hospitalar, beneficiando os cuidados de saúde prestados”, finaliza o presidente da Comissão Executiva.

Inaugurado em março de 2021, o HIA agora adquirido pela CUF, conta com mais de 20 especialidades médicas e cirúrgicas, dispõe de uma capacidade instalada diferenciada e de uma oferta alargada de serviços clínicos. ■ DL

■ CUF teve luz verde da Autoridade da Concorrência para adquirir o HIA, mas não revela o valor do negócio



■ CUF teve luz verde da Autoridade da Concorrência para adquirir o HIA, mas não revela o valor do negócio

tre as equipas da CUF e desta nova unidade hospitalar, beneficiando os cuidados de saúde prestados”, finaliza o presidente da Comissão Executiva.

Inaugurado em março de 2021, o

HIA agora adquirido pela CUF, conta com mais de 20 especialidades médicas e cirúrgicas, dispõe de uma capacidade instalada diferenciada e de uma oferta alargada de serviços clínicos. ■ DL

CANAL FM **RADIOCANAL FM**

SÃO MIGUEL E SANTA MARIA: **91.0 | 91.5 | 94.5** - TERCEIRA, SÃO JORGE, GRACIOSA E PICO: **100.5** - FAIAL, SÃO JORGE E PICO: **92.7** - GRACIOSA, TERCEIRA E SÃO JORGE: **107.9** - FLORES E CORVO: **104.5**

NOVACIDADE

RNC
RÁDIO NOVA CIDADE
105.5 | 89.1 FM

WWW.RADIONOVACIDADE.PT